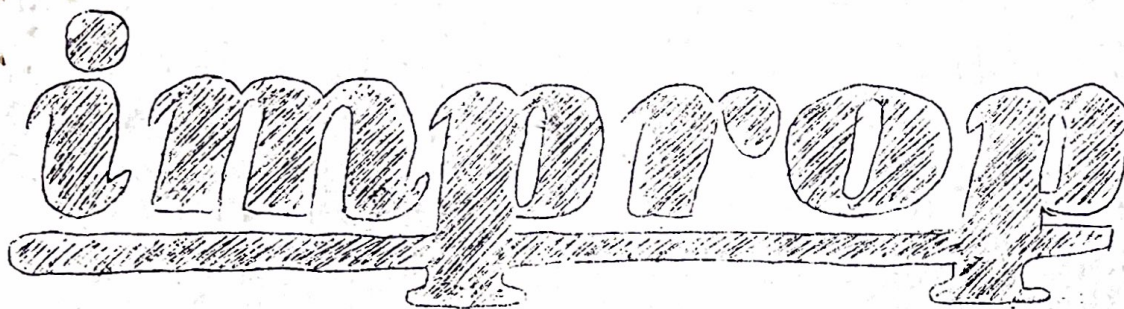




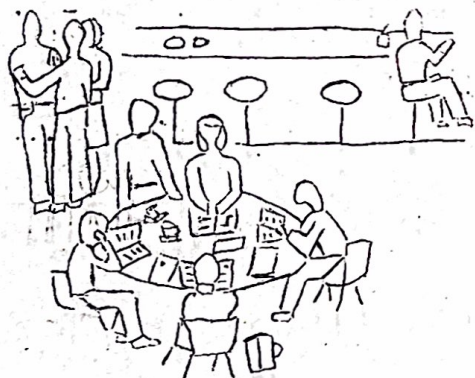
associação dos estudantes da faculdade de ciencias de lisboa 22 nov 73

AVANCEMOS COM O TRABALHO SUPEREMOS AS DIFICULDADES

No nosso dia a dia na Faculdade acontecem-nos coisas como por exemplo a falta de um sítio onde possamos conviver e trabalhar.

Quem não tem já de passar horas seguidas nos cafés dos arredores, sempre apinhados de gente?

Ao mesmo tempo, perante a necessidade de informar os nossos colegas de um problema existente numa cadeira, convocar uma reunião para o discutir e resolver, ou dar uma notícia do que se passa noutra Faculdade ou fora da Universidade, vimo-nos obrigados a recorrer a outra escola para fazer comunicados ou cartazes.



A feitura e venda de sebentas tem sido mantida com algumas dificuldades, como sejam não haver máquina de escrever dentro da Faculdade nem locais de venda, para além das aulas.

E se é certo que todo este trabalho não tem deixado de ser feito, é-o menos rapidamente do que seria desejável e à custa dum maior esforço de muitos de nós.

Todos nós sentimos a necessidade de um local de trabalho, convívio e reunião. A ideia de termos e ocupar uma sala fica lançada, mas antes de tomar essa decisão há que estudar todas as possibilidades de o vir a fazer.

A próxima omissão de Curso é na Sexta-feira e irá analisar esta questão e estudar propostas que

apresentará ao curso.

Pensa neste problema e vai à Comissão de Curso dar a tua opinião. Participa em todas as reuniões de Curso que forem marcadas para decidir sobre isto!

OS TESTES E A SUA MARCAÇÃO :

Em várias cadeiras os testes começam a ser marcados pelos professores sem que estes tenham em conta que nós temos outras cadeiras sem ser a deles.

Daqui resulta, para já, uma sobreposição de datas.

Ora o estabelecimento das datas dos testes e das condições em que eles nos interessam cabe-nos a nós fazer. O problema dos testes urge ser tratado!

Deve ser feito um mapa de marcação de testes e discutidas as suas condições. Este um outro ponto a discutir na Comissão de Curso e a apresentar ao curso para decidir.



REUNIÃO de COMISSÃO de CURSO
6 feira, às 15h, sala d

A HISTÓRIA DO CÁLCULO I

Logo desde as primeiras aulas de Cálculo Infinitesimal I dadas pela Rosário Empis que começámos a perceber que não percebíamos nada daquilo e que o método pedagógico utilizado por aquela Senhora - repetição textual do livro, sempre com muitos enganos, numa velocidade que excedia o aceitável e ainda por cima num tom de voz "ligeiramente" baixaria continuar pelo ano fora.

Mas como nós não somos 1 ou 2 génios que percebemos tudo, seja dado de que maneira for, mas sim 130 que temos de fazer exame, e portanto temos de compreender minimamente a matéria, decidimos não cruzar os braços e tentar resolver a questão.

Para isso foi convocada uma reunião de turma na Segunda-feira, dia 12, mas devido a uma má informação junto de todos os colegas, apareceu muito pouca gente. Transformou-se então numa reunião de trabalho onde se decidiu propor uma nova reunião para a aula seguinte, visto isso ser a melhor forma de se poder fazer uma análise colectiva do problema e resolvê-lo.

Assim, na aula de Quarta-feira passada, propôs-se à turma a transformação da aula em reunião para se discutir o problema com toda a gente.

A totalidade dos estudantes (com excepção de dois, um que saiu e outro que ficou) (1) aceitou a proposta.

Tinha já a reunião começado e o problema a ser discutido entre nós, quando a professora entrou. A princípio mostrou-se muito "sentida" pois não lhe tinham dito nada, e aquilo era a sua aula. Não era mais do que experimentar a turma com o intuito de quebrar a reunião e dar a aula.

Mas a firme decisão de todos nós, que havíamos decidido pela reunião, impôs-se. E nesta altura vendo que realmente toda a turma estava unida, a Rosário mudou de tática e vestiu-se com pele de cordeiro, enquanto a reunião prosseguia.

Durante as exposições dos colegas que vieram de clássicas a professora mostrou-se muito "surpreendida" quando verificou que mais de metade da turma era de clássicas... No entanto não fica por aqui, e alegando que como nós nunca interrompíamos as aulas, depreendia que nós estávamos a compreender tudo.

Mas logo um colega rebateu isto, dizendo que no princípio interrompia, mas a professora voltava atrás e repetia tudo igual, de modo a que ele ficava na mesma. Mas julgando que era único a não compreender calara-se para que a aula prosseguisse.

Aliás, foi várias vezes vincado por vários colegas o facto dos estudantes do 1º ano não estarem ainda ambientados ao novo meio e naturalmente se inibirem de interromper uma aula com uma dúvida pessoal, não sabendo se essa dúvida era comum aos restantes colegas.

Aqui a professora já afirmou que não estava a gostar "nem um bocadinho" daquelas aulas, e propôs logo uma aula de dúvidas para a aula seguinte.

É claro que todas estas atitudes visaram criar uma imagem de simpatia e de boa vontade da parte dela, para tentar apagar as suas insuficiências mais que sentidas por todos nós nas suas aulas.

Mas nós não estamos a dormir, e não vamos em baléas. Temos que impor desde já um sistema de interrupção: Logo que um de nós não perceba qualquer coisa, interrompe e não deixa ela avançar sem que uma questão fique bem explicada.

Só poderemos fazer com que as aulas da Rosário Empis nos sirvam de alguma coisa, desde que sejamos nós a impor a forma como elas devem ser dadas, na medida em que ela já mostrou o seu método pedagógico.

(1) Atitude aliás correcta, na medida em que, apesar de não concordar com a realização da reunião, ao ver que a maioria a queria, se sujeitou à sua vontade.





em 71 um coelho
vai a caminho de
Londres...



em 73 um coelho
chega de Londres...
para onde irá?

Quando, no início das aulas, optámos por frequentar uma das duas turmas de Álgebra fizémo-lo por uma questão de conveniência de horário e não porque "a priori" tivéssemos alguma preferência pelo prof. Furtado Coelho ou qualquer outro.

Todos sabíamos ou, pelo menos, tínhamos ouvido falar da grande dificuldade que tradicionalmente ^{há} para fazer a cadeira (era esta a "famosa" cadeira do Almeida e Costa). Não supúnhamos, no entanto, que o novo professor tinha uns métodos tão "especiais" de dar aulas. Não explicar a matéria, não fazer as demonstrações e marcá-las como exercício para casa, insinuar que o aluno "normal" deve acompanhar a cadeira e quem tem dúvidas é porque é "destituído"... - eis o que, para o Furtado Coelho pelos vistos, deve ser um professor.

Para além disto, querendo fazer exames sem consulta (ao contrário do que acontece na outra turma) propõe-se o "nosso doulor" tornar ainda mais difícil a passagem em Álgebra.

O descontentamento pelas suas aulas cedo se começou a generalizar. Os alunos da turma virem que nada faziam nas aulas e que, elas não devoriam prosseguir sem que se fizesse uma reunião onde se tomasse uma posição colectiva em relação a este problema.

A reunião convocou-se para a hora da aula de segunda-feira, no Pavilhão. Toda a turma participou e o anfiteatro onde o senhor Coelho costumava encontrar os alunos ficou, nesse dia, totalmente vazio...

Inicialmente foi apresentada uma proposta que tinha sido delineada pelos colegas do 2º e 3º anos que reuniram no fim da Comissão de Curso de sexta-feira: todos os alunos do Furtado Coelho deixariam de frequentar as aulas e iriam para a outra turma; esta ficaria superlotada e os problemas da cadeira seriam então resolvidos por todos (não havendo portanto entre os alunos que têm Álgebra, uns isolados dos outros).

A proposta não foi bem explicada. Alguns colegas presentes na reunião mostraram-se hesitantes em relação a ela, e defenderam que dever-se-ia tentar ainda modificar as aulas e que, no caso de isso não se conseguir, então decidir-se-ia greve.

Foi neste sentido que foi apresentada uma nova proposta. Concretamente exige-se que a partir de agora o prof. explique nas aulas todas as demonstrações e todas as dúvidas que os estudantes têm, toda a matéria atrasada sobre a qual haja dúvidas; que acabe com as grandes diferenças entre as duas turmas; que os testes e os exames sejam com consulta.

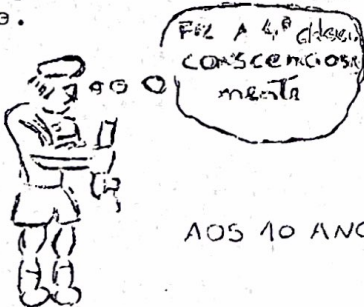
Ficou também decidido que a proposta (aprovada por unanimidade) seria apresentada como tal, na aula teórica de hoje.

Esta foi uma atitude correcta pois devemos forçar o professor a tomar posição face às nossas propostas perante toda a turma. Se sabemos que não será pela sua vontade que satisfará as nossas exigências então recusemos qualquer tipo de diálogo pretensamente "construtivo"; se sabemos que só perante a nossa força ele cederá, então mostremo-nos ligados na defesa das nossas posições. É a nossa decisão colectiva e a nossa determinação em fazê-la cumprir que contam. Não às "comissões eleitas para falar com o professor"!

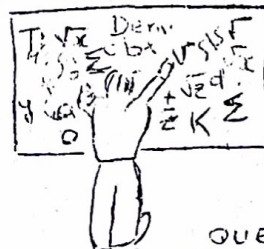
Foi ainda aprovado que, caso o senhor Coelho não aceitasse todos os pontos da proposta e insistisse no seu modelo preferido de "aulas", seria convocada nova reunião de turma.

De facto, devemos mantermo-nos vigilantes e precavidos contra possíveis manobras do prof. Ele poderá, se vir que a tal é obrigado, dizer que "sim senhor, vai modificar as aulas", que "algumas questões tomam razão", etc na tentativa de nos "enrolar".

Não devemos ir em conversas. O que importa é que ele cumpra efectivamente tudo aquilo que pretendemos. E, se ele não estiver disposto a isso, saberemos estudar a resposta a dar-lhe.



AOS 10 ANOS



QUEM NAO DEMONSTRA
TEOREMAS AOS 15 ANOS

Nota-se muitas vezes que, quando se fala em grupos culturais, em trabalhar neles, muita malta diz que não está dentro dos temas, que não percebe o que se quer com isso, que não tem tempo para participar nas reuniões todas, etc...

Vejamos: os grupos culturais surgiram da necessidade de nós discutirmos e aprofundarmos determinados temas, que por serem actuais interessam à maioria da malta.

Interessa que muita gente participe nos grupos culturais.

A participação deve ser ampla pois só assim se conseguirá que o trabalho seja efetivamente levado para a frente e que não se transforme na discussão dos 4 amigos que se encontram todas as vezes porque até gostam de discutir e têm algumas ideias na cabeça.

Por tudo isto é necessário que o trabalho já feito seja divulgado, em textos ou jornais murais para que não só as pessoas se apercebam na prática do que são os grupos, mas que comecem também a interessar-se pela discussão e participação dos temas.

Um dos grupos já formados é o de Apoio aos estudantes presos.

Neste momento em que estão presos em Caxias muitos estudantes, em que quase todos os dias são efectuadas prisões, cabe-nos ver qual a melhor maneira de apoiar os estudantes presos.

Esse apoio pode ser feito , quer divulgando notícias sobre a sua situação e comportamento, quer divulgando textos sobre comportamentos exemplares perante os interrogatórios e torturas, condições prisionais em Portugal, etc..., quer editando e vendendo textos.

Sobre as condições prisionais em Portugal, está-se a tentar contactar com um advogado que dará informações permonorizadas sobre elas.

Irá ser editado brevemente um excerto de um livro (Hon Dat) que o grupo já a fun-
cionar achou bastante significativo.

Este texto deverá ser distribuido amplamente e discutido por todos.